



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO**

**DANIELLE DE LIMA SILVA**

**O PRECONCEITO RACIAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE: UM  
ESTUDO SOBRE A HASHTAG #PrayingForSomalia**

**CAMPINA GRANDE  
2017**

**DANIELLE DE LIMA SILVA**

**O PRECONCEITO RACIAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE: UM  
ESTUDO SOBRE A HASHTAG #PrayingForSomalia**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, Apresentado ao Departamento do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.  
Área de concentração: Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Alan Soares Bezerra.

**CAMPINA GRANDE  
2017**

S586p Silva, Danielle de Lima.  
O preconceito racial e os movimentos sociais em rede  
[manuscrito] : um estudo sobre a hashtag #PrayingForSomalia  
/ Danielle de Lima Silva. - 2017.  
19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Alan Soares Bezerra,  
Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Hashtags. 2. Movimento em rede. 3. Racismo. 4.  
Comunicação. 5. Comunidade virtual. 6. Redes sociais.

21. ed. CDD 302.4

DANIELLE DE LIMA SILVA

O PRECONCEITO RACIAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE: UM  
ESTUDO SOBRE A HASHTAG #PrayingForSomalia

Trabalho de Conclusão de Curso, na  
modalidade de Artigo Científico,  
apresentado ao curso de Jornalismo da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Comunicação Social.  
Área de concentração: Jornalismo.

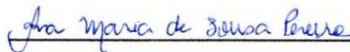
Aprovada em: 15/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Alan Soares Bezerra (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Me. Ana Maria de Sousa Pereira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Drª. Ada Kesea Guedes Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por todo amparo, amor e orientação durante toda a minha vida.

À minha família, pela compreensão e paciência durante toda a trajetória.

Ao meu avô, José Cícero de Lima (*in memoriam*), embora fisicamente ausente neste momento, contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional, sendo uma inspiração.

À minha irmã Anne Caroline, pela paciência, apoio e incentivo durante a caminhada acadêmica.

Aos funcionários e professores da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos amigos que mesmo distantes contribuíram com esta etapa, em especial à minha amiga Bianca Dantas pelo incentivo.

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista.  
É preciso ser antirracista.”  
Angela Davis

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
Movimentos Sociais em Rede .....	9
As Comunidades Virtuais e o Uso Das Redes Sociais .....	11
Uso das Hashtags e as Campanhas Sociais .....	12
O Preconceito Racial e Sua Face Nas Redes Sociais .....	13
O Contexto do Caso Somália .....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
REFERÊNCIAS .....	19

## O PRECONCEITO RACIAL E OS MOVIMENTOS EM REDE: UM ESTUDO SOBRE A HASHTAG #PrayingForSomalia

Danielle de Lima Silva<sup>1</sup>  
Alan Soares Bezerra<sup>2</sup>

### RESUMO

A *hashtag* #PrayingForSomalia foi compartilhada nas redes sociais após o atentado ocorrido no dia 14 de outubro de 2017 na cidade de Mogadíscio na Somália que fez mais de 358 vítimas, no entanto causou pouca comoção na mídia, o que foi interpretado como discriminação racial. Este artigo visa compreender a possível influência da *hashtag* na formação de um movimento social em rede contra o preconceito racial, tendo como método o estudo de caso de ordem qualitativa, feito através da coleta de dados em livros, revistas, artigos, periódicos, e dados contidos no facebook e *twitter*. Foram encontradas notícias e publicações nestas redes sociais em que foi observado que o movimento buscou ser um agente de transformação social propagado por meio da *hashtag*, ferramenta dos atores sociais que, nesse contexto, foi utilizada para expressar uma causa em torno da discriminação racial.

**Palavras-Chave:** *Hashtags*; Movimento em rede; Racismo; Comunicação; Comunidade Virtual; Redes Sociais.

### INTRODUÇÃO

Em outubro de 2017 repercutiu nas redes sociais a campanha #PrayingForSomalia que surgiu após o atentado na Somália, país do continente africano. O fato ocorreu quando caminhões bomba foram explodidos em dois pontos movimentados da cidade de Mogadíscio, provocando até então, mais de 358 mortes. A maneira com que a situação foi noticiada, causou a impressão de indiferença por parte da mídia, diante de um ataque tão devastador, sendo interpretada como discriminação por fatores raciais. A intenção do movimento criado através das *hashtags* foi protestar contra a falta de comoção e ao mesmo tempo unir forças em solidariedade às vítimas.

Nesse contexto, o presente artigo visa analisar a apropriação das *hashtags* como ferramenta de expressão em torno de uma causa social como o preconceito racial, evidenciado pela mídia no caso da Somália. O artigo foi desenvolvido em cinco sessões através de uma revisão de literatura, iniciando a abordagem pelos movimentos sociais segundo a perspectiva de Castells (2013) que afirma que os movimentos sociais surgem a partir da indignação com

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
Email: daniellelimasilva.20@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
Email: asbalansoares@gmail.com



as condições de vida e a insegurança política, fazendo com que os atores promovam ações coletivas para defender suas causas.

Esse agrupamento é possível devido às comunidades virtuais que segundo Rüdiger (2013) se formam quando a quantidade de pessoas é suficiente para se engajarem em debates públicos, formando laços de relações pessoais no ciberespaço. Nesse ambiente, Recuero (2014) argumenta que as *hashtags* surgem como ferramenta nas redes sociais não só como uma forma de facilitar as buscas por determinado assunto, como também interligar os atores em torno de uma discussão.

Alguns indivíduos se sentem protegidos pela tela do computador e em razão disso, conforme afirma Potiguar (2009) abusam da liberdade de expressão e esse é um dos principais problemas enfrentados hoje nas redes sociais. Muitos utilizam essa liberdade para transmitir mensagens de ódio, desprezo e intolerância contra determinados grupos. A exemplo disso, podemos citar os casos de racismo ocorridos com a atriz Taís Araújo<sup>3</sup>, a jornalista Maria Júlia Coutinho<sup>4</sup> e Títi, filha adotiva de Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank<sup>5</sup>, que passaram por situações semelhantes ao receberem comentários preconceituosos nas redes sociais. Casos como esses demonstram que o racismo ainda é algo que persiste em nossa sociedade.

Foi utilizada a metodologia de ordem qualitativa. Sobre as características da pesquisa qualitativa Godoy (1995) afirma que:

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58)

Os dados foram obtidos a partir de notícias de websites e publicações nas redes sociais que utilizaram a *hashtag*, além de comentários dos usuários do *facebook*.

## **Movimentos Sociais Em Rede**

Historicamente, os movimentos sociais foram e continuam sendo as principais alavancas de mudança social. De acordo com Castells (2013), surgem de uma crise nas

---

<sup>3</sup> <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contratais-araujo.shtml>> Acesso em: 23/11/2017

<sup>4</sup> <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>> Acesso em: 15/11/2017

<sup>5</sup> <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,racismo-e-crime-e-ja-estamos-tomando-as-providencias-perante-a-lei-diz-giovanna-ewbank,70002098048>> Acesso em: 29/11/2017

condições de vida, pela desconfiança nas instituições políticas que administram a sociedade. Desse modo, as pessoas são impulsionadas a agir com as próprias mãos, envolvendo-se na ação coletiva fora dos canais institucionais prescritos para defender suas causas e mudar governantes, ou até mesmo as regras que regem suas vidas.

A sociedade civil, segundo Sharrer-Waren (2006), está relacionada à defesa da cidadania e suas respectivas formas de organização em torno de interesses públicos e valores. Ela representa vários níveis de como cada sociedade se organiza em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas.

Segundo Castells (2013), os movimentos sociais em geral, têm sua base no espaço urbano mediante ocupações e manifestações de rua. Mas, com o novo conceito de movimentos sociais em rede, eles não necessariamente precisam de um local específico e ainda assim, conseguem manter as funções de coordenação e deliberação pelo inter-relacionamento de seus grupos.

Com uma estrutura mais autônoma e descentralizada, não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou de controle, nem de uma organização vertical para direcioná-los. Castells (2013) argumenta que, por serem constituídos de redes abertas, sem fronteiras definidas, sempre se modificando conforme o envolvimento da população, tornam-se maiores as chances de participação e ao mesmo tempo reduz a vulnerabilidade do movimento à ameaças de repressão.

Além disso, os movimentos sociais em rede provocam um debate contínuo na internet e algumas vezes convocam a participação conjunta e simultânea em manifestações globais numa rede de espaços locais. Esses movimentos geralmente são iniciados nas redes sociais da internet, podendo alcançar o espaço urbano.

As mobilizações na esfera pública surgem a partir da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, de ONG's por exemplo, e buscam se expandir através de manifestações em locais públicos atraindo a participação de simpatizantes, como objetivo de obter visibilidade da mídia e efeitos simbólicos para manifestantes e para a sociedade. Também se configuram como uma das formas de pressão política mais expressivas.(SHARRER-WAREN, 2006)

Castells (2013), explica que os movimentos sociais em rede se apresentam como uma forma de manifestar insatisfações em relação à administração da sociedade, sobre sua capacidade de gerenciar crises. Transformam as relações de poder e desenvolvem novos atores sociais que constituem a si mesmos como sujeitos da nova história em processo.

## **As Comunidades Virtuais e o Uso das Redes Sociais**

Para compreender como surgem as redes sociais, é preciso realizar um estudo sobre as relações que ocorrem no ciberespaço. O processo de conversação mediada pelo computador trouxe mudanças no ambiente em que ela ocorre. Segundo Recuero (2014), esse ambiente possui características específicas que são apropriadas, subvertidas, e amplificadas pela conversação. Trata-se do ciberespaço e, portanto, as ferramentas desse meio passam a serem utilizadas na conversação.

As conversações mediadas pelo computador podem ser classificadas em públicas ou privadas. Recuero (2014) explica que as conversações privadas acontecem em espaços mais restritos, que envolvem apenas os atores participantes da conversação e apenas estes conseguem ter acesso a ela. Enquanto que na conversação pública, qualquer pessoa pode ter acesso e até mesmo participar através da troca de informações.

Marshall McLuhan anunciava nos anos 1960 uma revolução nas comunicações causada pelas novas tecnologias. Para ele, o mundo estaria prestes a se tornar uma aldeia global, na qual as pessoas estariam interligadas através de computadores. Assim, surgia um novo ambiente em que seria possível pensar, agir e interagir com mais liberdade, igualdade e expressão (RÜDIGER, 2013).

Outros filósofos também apresentam suas teorias sobre o surgimento das comunidades virtuais. Rüdiger (2013) destaca a abordagem realizada pelo escritor Georges Gilder sobre o impacto coletivo das novas tecnologias da informação. Para o escritor, os meios eletrônicos representam a chegada de uma era em que a comunicação deixa de ser imposta, por exemplo, como ocorre com a cultura de massa veiculada pela televisão.

O autor explica ainda que cada meio estimula uma forma de relação social e que a informática tem um sentido libertador para o indivíduo:

A mutação oriunda dos meios digitais nos conduz para uma época menos padronizada e mais democrática, porque, com base neles, cada um poderá se desenvolver em função das suas necessidades de informação, de seus hábitos de lazer e de suas próprias iniciativas individuais. (RÜDIGER, 2013, p.28)

Rheingold, (1993) apud Rüdiger, (2013), entende que as comunidades virtuais se agregam socialmente na rede, quando uma quantidade suficiente de pessoas se envolve em discussões públicas por um longo período, associadas a um forte sentimento humano, que por sua vez formam teias de relacionamento pessoal no ciberespaço.

De modo geral, compreende-se que através da internet formou-se uma rede mundial de computadores, e visto que o acesso à esses equipamentos se tornou mais popular, milhões de pessoas passaram a interagir, compartilhar conhecimento e se engajarem no processo de comunicação (RÜDIGER, 2013).

A comunidade virtual tem como principal característica a reciprocidade, tendo em vista que ao aprender algo através da troca de mensagens, também se compartilha conhecimento para outros atores da rede. Segundo (LEVY, 1999, apud FONSECA, 2016), “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso, independente das proximidades geográficas ou das filiações institucionais”.

A facilidade de acesso à internet permite a troca de informações entre as pessoas no ambiente digital, além do contato com novas ideias e pontos de vista. Assim, as redes sociais surgem como uma analogia aos grupos humanos formados em torno de interesses em comum, mediados pelo computador. Segundo Recuero (2014), “As redes sociais ficam explícitas no ambiente do ciberespaço através das interações que são construídas e negociadas entre os interagentes”.

Um dos elementos característicos das redes sociais na internet é a formação do capital social. Segundo Wellman (2001) apud Recuero (2014) isso significa que as trocas conversacionais são responsáveis pela construção da estrutura social, pelos valores e características coletivas.

O capital social é um valor coletivo que pode ser apropriado e transformado pelos atores. Para um determinado indivíduo se torna interessante participar de uma rede social porque assim, tem acesso à elementos construídos pelo grupo, informações ou apoio social por meio de laços sociais (RECUERO, 2014).

No ambiente online, a conversação pode passar por várias ferramentas e redes sociais, além de ser possível resgatar conteúdos como, por exemplo, acompanhar uma conversação sobre determinado assunto no *Twitter*. Recuero (2014) explica que através do uso da *hashtag*, que determina o contexto, é possível ter acesso à conversação entre centenas de pessoas interagindo entre si.

### **Uso Das Hashtags e as Campanhas Sociais**

As *hashtags* surgiram como ferramenta do *Twitter* e logo foram incorporadas no *Facebook*, *Instagram* entre outras redes sociais. Fonseca (2016) define como tópicos que

estão ligados a um determinado assunto ou acontecimento, e que interligam todos que mencionaram o mesmo assunto usando o símbolo # seguido pela *tag* relacionada. Servem como palavras-chave e facilitam a busca por determinado assunto, interligando os usuários através do conteúdo.

Um exemplo de como os atores podem se tornar interligados com o uso das *hashtags*, aconteceu no caso da campanha #SomosTodosMaju, onde diversas pessoas demonstraram seu apoio à apresentadora do Jornal Nacional, Maria Julia Coutinho, que foi vítima de comentários racistas em uma foto publicada nas redes sociais no dia 02 de julho de 2015. A *hashtag* teve alta repercussão e chegou a ser exposta no Jornal Nacional pelos apresentadores, Willian Bonner e Renata Vasconcellos.

De acordo com estudo realizado por Recuero (2014), é possível mapear as conversações em torno de uma *hashtag* e analisar os elementos que estão presentes nas interações sociais em rede. Dessa forma, é possível classificar a estrutura das redes de conversação pelo: grau de conexão, grau de intermediação e grau de proximidade.

O grau de conexão refere-se à quantidade de conexões que um determinado ator possui. De acordo com Hanneman (2001), se um ator possui muitas ligações direcionadas a ele, significa que ele possui destaque na rede e portanto, outros atores procuram compartilhar informações com ele. Já os atores que buscam outros, têm um alto grau de saída de ligações. Geralmente, são atores influentes.

O grau de intermediação se refere ao quanto um ator aparece em meio a outros. Hanneman (2001) define como o papel que um determinado ator tem de intermediar informações entre outros atores, devido ao seu posicionamento entre outros pares de atores na rede.

Já o grau de proximidade, está relacionado ao tamanho da proximidade de um ator em relação aos demais. Segundo Hanneman (2001), quanto mais próximo um ator estiver de outros atores da rede, mais central ele estará.

## **O Preconceito Racial e Sua Face Nas Redes Sociais**

O conceito de discriminação está relacionado a um ato de distinguir ou separar raças, com base discriminatória Valente (1994) apud Vaz (2015). Isso ocorre quando um grupo acredita que é superior a outro grupo devido à cor de sua pele. Muitas vezes, pessoas que se denominam brancas, afirmam que são mais desenvolvidas socialmente em relação aos negros.

Historicamente, o Brasil foi guiado pela ideia de que o desenvolvimento cultural devia acontecer sob a liderança de culturas civilizadas, como a europeia, acreditando ser dotada de uma superioridade cultural. Borges (2015), ressalta que o histórico de exclusão dos negros no processo de desenvolvimento social, faz com que hoje estes representem uma minoria no cenário público e político. Por esse motivo, muitas vezes eles interiorizam o preconceito histórico sobre sua raça e conforme buscam assimilar os valores culturais brancos, cada vez mais enfraquecem a formação de uma identidade negra coletiva.

O preconceito se trata de uma ideia pré-concebida a respeito de algo ou alguém que não se tem conhecimento, baseada em uma opinião não fundamentada e carregada de intolerância e discriminação. Vaz (2015), destaca que a discriminação pode atingir o *plano econômico*, o *plano dos direitos sociais*, o *plano legal* e o *plano digital*. No plano econômico, a discriminação dificulta a ascensão social, o acesso às universidades, possibilidades de emprego, investimentos financeiros. No plano dos direitos sociais, impede o apoio da justiça para a assistência contra a violência; e no *plano legal*, ocorre quando os atos discriminatórios são proclamados institucionalmente, integrando-se às leis do país.

Além disso, existe ainda o plano digital, onde a discriminação ocorre no ciberespaço e muitas vezes não é levada a sério como deveria, já que comentários ofensivos e preconceituosos online, também violam seus direitos. Sendo assim, a Lei 7.716/89, no artigo 20, parágrafo 2º, diz que aquele que praticar, induzir ou incitar, pelos meios de comunicação social ou por publicação de qualquer natureza, a discriminação ou preconceito de raça, por religião, etnia ou procedência nacional, comete crime passível da pena de reclusão de dois a cinco anos e multa.

Conforme explica Vaz (2015), o negro vem sendo estigmatizado na sociedade como criminoso, acomodado ou que procura tirar proveito para si. Silva (2016), afirma que “a verdade é que a sociedade tende a achar que o negro é inferior quando ela mesma não dá oportunidade à ele de melhorar suas condições de vida. As pessoas criticam os desprivilegiados, mas fecham as portas na hora de ajudá-los.”

Nesse contexto, a liberdade de expressão aparece como um dos fatores que colaboram com o aparecimento de mais casos de racismo. Trata-se de um direito previsto na constituição, característico das sociedades democráticas. No entanto, é um grande desafio assegurar o direito de expressão de pensamentos, opiniões, ideias e acontecimentos, sem que ocorram situações de abuso no uso dessa liberdade. Segundo Potiguar (2009), o discurso de ódio é um dos principais problemas enfrentados hoje, que ocorre inclusive nas redes sociais.

O discurso de ódio, segundo Rosenfeld (2003) apud Potiguar (2009), tem como objetivo promover o ódio de acordo com a raça, religião, etnia, nacionalidade, gênero ou orientação sexual.

O discurso do ódio consiste na divulgação de mensagens que difundem e estimulam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia e outras formas de ataques baseados na intolerância e que confrontam os limites éticos de convivência com o objetivo de justificar a privação de direitos, a exclusão social e até a eliminação física daqueles que são discriminados. (STROPPIA, 2015, p. 456)

Desse modo, esse tipo de discurso propaga o ódio, desprezo e a intolerância contra determinados grupos, fazendo com que se sintam menosprezados, desvalorizados ou inferiorizados, por pertencer a um determinado grupo.

Em sociedades pluralistas é comum notar a existência de diferentes opiniões, principalmente no Brasil onde o sistema de informação funciona de forma desigual entre os sistemas público, privado e estatal. Para Stroppa (2015), as redes sociais permitiram que o discurso de ódio, algo que já existia, fosse ainda mais projetado com menos controle, o que fez com que mais pessoas fossem atingidas.

Podemos observar através de acontecimentos como, por exemplo, as mensagens preconceituosas direcionadas a pessoas famosas, que o racismo atinge à todas as classes, independente da condição social ou financeira e que as pessoas têm uma grande resistência a aceitar que o negro possa conquistar seu espaço na sociedade. Entre esses acontecimentos, podemos citar o caso da atriz Taís Araújo, que em 2015 recebeu vários comentários racistas em uma foto publicada em seu perfil na rede social, como “*entrou na Globo pelas cotas*”, “*cabelo de esfregão*” entre outros comentários que comparavam a atriz à um macaco.

Em novembro de 2017, uma nova discussão foi levantada ainda envolvendo a atriz que fez o seguinte comentário: “*No Brasil, a cor do meu filho é a cor que faz com que as pessoas mudem de calçada, escondam suas bolsas e que blindem seus carros.*” Em contrapartida, muitos internautas classificaram o comentário como “*vitimismo*” e que a atriz estaria usando os filhos para “*chamar a atenção*”.

Logo em seguida, outro caso ganhou repercussão na mídia envolvendo Títi, filha adotiva de Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, após uma mulher publicar em um vídeo na sua rede social, o seguinte comentário: “*Macaca horrível*” e “*a menina é preta, tem um cabelo horrível de pico de palha e tem um nariz de preto, horrível, e o povo fala que a*

*menina é linda?*”. A menina de apenas 4 anos de idade, já foi vítima de racismo em outros momentos, também nas redes sociais.

O discurso de ódio pode acontecer de maneira explícita, podendo ser combatido com mais facilidade, assim como pode ocorrer disfarçadamente, de maneira sutil, mas transmitindo sua mensagem de intolerância indiretamente. Potiguar (2009) destaca que no Brasil, essa temática é pouco estudada devido à suposta ideia de que pela existência de uma grande miscigenação racial, não existe racismo no país. Por outro lado, muitos países proíbem a incitação ao ódio, seja religioso, racial ou étnico, enquanto que nos Estados Unidos, por exemplo, a proteção à liberdade de expressão muitas vezes é o que prevalece.

Segundo Freitas (2013), o discurso de ódio compromete a democracia, à medida que busca a exclusão do exercício da cidadania dos ofendidos e desrespeita seus direitos e, portanto, não pode ser aceito. O tratamento de permissividade ou proibição ocorre conforme a opção política e ideológica de cada país. Estados liberais, como é o caso dos Estados Unidos, tendem a valorizar a liberdade de expressão de forma irrestrita, enquanto que os Estados sociais fazem oposições com a intenção de proteger a manifestação dos grupos minoritários.

No ambiente online o anonimato se torna mais fácil, porque não existe a relação pessoal e nem a possibilidade de conhecer o verdadeiro indivíduo. Por esse motivo, Borges (2015) afirma que se torna mais difícil identificar o discurso de ódio nas redes, pois quem o faz geralmente, faz de modo implícito, incentivando seguidores a compartilhar as ofensas e a punição se torna algo mais complexo de se executar.

Para Silva (2016), a possibilidade de comunicação entre pessoas de locais diferentes, geograficamente falando, por meio da internet se torna uma vantagem para o agressor já que ele pode se esconder atrás da tela e usar isso como escudo para seus atos. Além disso, os perfis podem ser apagados a qualquer momento, assim como utilizar um perfil falso, com dados falsos para que não seja identificado.

## **O Contexto do Caso Somália**

A Somália é um país localizado no nordeste africano, que tem sua história marcada por conflitos e disputas pelo poder. Em outubro de 2017 um atentado ocorrido no país, foi classificado como o pior atentado do mundo, desde 2016. Um caminhão com centenas de bombas explodiu próximo ao Ministério das Relações exteriores e pouco tempo depois, outra explosão ocorreu perto da Universidade Nacional Somali, duas áreas movimentadas na cidade de Mogadíscio, capital da Somália.



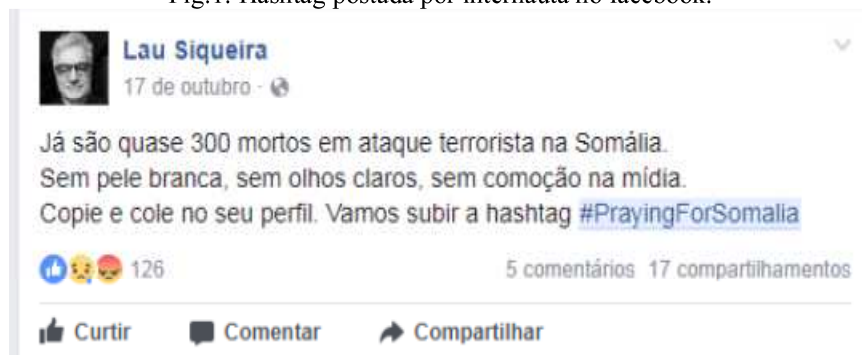
Apesar de ninguém ter assumido a autoria, a responsabilidade pelas explosões foi atribuída ao grupo radical islâmico Al Shabab que tem relação com a Al Qaeda. Inconformados, à medida que perdem territórios e poder, os radicais islâmicos intensificam os ataques. O número de mortos neste ataque passou de 300, no entanto, a repercussão do fato não teve grandes proporções, comparado ao atentado em 2015, contra o Jornal satírico Charlie Hebdo, por exemplo. A sede do jornal fica localizada em Paris, na França e na ocasião, vários meios de comunicação abordaram o caso de forma detalhada, acompanhando os desdobramentos do fato.

Neste caso, os jornais iniciaram um movimento em solidariedade às vítimas colocando em suas páginas nas redes sociais a frase: Somos Todos Charlie. Desse modo, várias pessoas não só na França, mas também em outros países, postaram a frase em seus perfis. O *Facebook* disponibilizou uma ferramenta para inserir a bandeira da França na foto do perfil dos usuários, como mais uma forma de apoio.

Nesse contexto, com a manifestação nas redes sociais através da *hashtag* #PrayingForSomalia, os usuários levantaram um questionamento sobre a pouca atenção dada ao atentado, juntamente com a ideia de que a mídia tratou o caso com discriminação por fatores raciais, já que a quantidade de vítimas foi maior em relação à outros atentados, como o de Paris por exemplo.

Na maior parte dos compartilhamentos no *Facebook*, a *hashtag* veio acompanhada da frase “*Já são quase 300 mortos em ataque terrorista na Somália. Sem pele branca, sem olhos claros, sem comoção na mídia. Vamos subir a hashtag #PrayingForSomalia.*”

Fig.1: Hashtag postada por internauta no facebook.



Fonte: Print do autor.

Fig.2: Hashtag postada por internauta no Twitter.



Fonte: print do autor.

As manifestações geradas com as *hashtags* chamaram a atenção da mídia e o assunto se tornou pauta de notícia no jornal O Globo, que fez uma publicação relatando a insatisfação demonstrada nas redes sociais.

Fig.3: Publicação da notícia no facebook.



Fonte: Print do autor.

A página de notícias da BBC Brasil e a revista Fórum também destacaram em seus portais na web, a seletividade da mídia quando se trata de evidenciar os fatos conforme seus interesses. Ressaltam a ideia de que a comoção em torno dos atentados em Las Vegas e ao Charlie Hebdo na França, por exemplo, foi maior, bem como a sua repercussão. Enquanto que

a Somália, por ser localizada na África, recebeu apenas uma nota nos jornais, provavelmente pelas suas características.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi feita uma reflexão, com base nos autores estudados, sobre como a tecnologia tem influenciado as relações sociais, possibilitando interações entre os sujeitos em um novo ambiente, no qual os fatores espaciais geográficos não impedem a comunicação e disseminação de informações, valores e costumes com mais eficiência e que essa liberdade apresenta um lado positivo no que se refere à união em prol de causas sociais em benefício da sociedade, como também pode trazer à tona pensamentos preconceituosos que se convertem em discursos ofensivos que fazem discriminação de raças, seja por meio da sociedade, da mídia ou outros meios.

Para esta pesquisa foi escolhida a campanha #PrayingForSomalia que pode se classificar como um produto da indignação coletiva contra o tratamento desigual da repercussão do atentado, representando a discriminação com que o negro é tratado na sociedade. A campanha revela o potencial de levantar a discussão em torno de uma causa social utilizando a *hashtag* e que os sujeitos têm a possibilidade de participar ativamente do processo de comunicação, determinando a forma e o conteúdo, como podemos perceber nas notícias seguintes que deram espaço à expressão popular, não ignorando o fato. Essa relação participativa do público na internet, bem como a utilização das novas ferramentas, também modifica a rotina de produção jornalística e traz novas perspectivas com relação ao papel profissional do jornalista.

## ABSTRACT

The hashtag #PrayingForSomalia was shared on social networks after the attack on October 14, 2017 in the city of Mogadishu in Somalia which caused more than 358 victims, however, caused little commotion in the media, which was interpreted as discrimination. In order to understand the use of the hashtag as a network social movement against racial prejudice, a case study was carried out through the collection of data in books, magazines, articles and journals, and data contained in social networks. News and publications on social networks have been found that have made it possible to perceive that although there is veiled racial preconception, the social actors found in the hashtags a space of expression against preconception.

**Keywords:** Hashtags; Network movements; Racism; Communication; Journalism.

## REFERÊNCIAS

SHERRER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v.21, n.1, p.109-130, 2006.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FONSECA, A. et al. **Como as informações e comentários nas redes sociais pautam as notícias**: Análise da hashtag #somostodosmaju. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na região sul, 2016.

FREITAS, R. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. *Sequência*, n.66, p. 327-355, 2013.

GODOY, A. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63.

POTIGUAR, A. **Igualdade e liberdade**: a luta pelo reconhecimento da igualdade como direito à diferença no discurso do ódio. Brasília, 2009.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura**: Perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BORGES, L. et al. **Teorias raciais e o discurso de branqueamento em redes sociais: a página orgulho de ser branco**. *Anais do Seminário em Educação e Colóquio de pesquisa*. V.1, n.10, p. 367 -380, 2015.

BRASIL, Presidência da República. Lei 7.716/89, de 05 de janeiro de 1989.

SILVA, T. et al. **O preconceito nas mídias sociais:** análise do caso de racismo sofrido pela atriz Taís Araújo no Facebook. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2016.

STROPPA, T. et al. **Liberdade de expressão e discurso do ódio:** O conflito discursivo nas redes sociais. Revista Eletrônica do Curso de Direito UFSM, v.10, n.2, p. 450-468, 2015.

VAZ, A. et al. **A rede social digital facebook e a discriminação racial no ciberespaço.** Revista Científica Interdisciplinar, v.2, n.1, p. 1-188, 2015.

## REFERÊNCIAS ONLINE

**Disponível em:** <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>> Acesso em: 15/11/2017

**Disponível em:** <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contra-tais-araujo.shtml>> Acesso em: 23/11/2017

**Disponível em:** <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,no-brasil-a-cor-do-meu-filho-faz-com-que-as-peopleas-mudem-de-calcada-diz-tais-araujo,70002086787>> Acesso em: 23/11/2017

**Disponível em:** <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,racismo-e-crime-e-ja-estamos-tomando-as-providencias-perante-a-lei-diz-giovanna-ewbank,70002098048>> Acesso em: 29/11/2017

**Disponível em:** <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Som%C3%A1lia>> Acesso em: 29/11/2017

**Disponível em:** <<https://super.abril.com.br/blog/contaoutra/entenda-o-caos-da-somalia-marcada-pelo-pior-atentado-do-ano/>> Acesso em: 30/11/2017

**Disponível em:** <<https://oglobo.globo.com/mundo/apos-atentado-na-somalia-internautas-questionam-falta-de-comocao->

21960445?utm\_source=Facebook&utm\_medium=Social&utm\_campaign=O%20Globo>  
Acesso em: 30/11/2017

**Disponível em:** <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-41694030>> Acesso em: 01/12/2017

**Disponível em:** <<https://www.revistaforum.com.br/2017/10/16/o-silencio-ensurdecador-da-midia-com-relacao-ao-atentado-na-somalia/>> Acesso em: 01/12/2017